

A violência por parceiro íntimo entre adolescentes: percepções a partir de um jogo online

Michaela Chiara Schoenmaker¹, Rafaela Gessner¹, Lucimara Fabiana Fornari¹, Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca¹, Rebeca Nunes Guedes de Oliveira¹

¹ Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva Universidade de São Paulo, Brasil. micha.c.scho@gmail.com; rgessner2@yahoo.com.br; lucimaraforanari@usp.br; rebecanunesguedes@gmail.com; rmgsfon@usp.br

Resumo: Diante da prevalência mundial da violência por parceiro íntimo, torna-se necessário conhecer e intervir no fenômeno. Para tanto, o uso de jogos desponta como potente estratégia. Objetivo: Compreender a percepção de estudantes de ensino médio sobre a violência nas relações de intimidade na adolescência, à luz das categorias Gênero e Geração. Metodologia: Estudo qualitativo, descritivo e exploratório, desenvolvido a partir de comentários de 27 adolescentes registrados no jogo *Papo Reto*. Os discursos foram submetidos à análise de conteúdo temática. Resultados: emergiram cinco categorias empíricas: o órgão sexual masculino como instrumento de violência; a naturalização da violência; a culpabilização da mulher pela violência; a autonomia da mulher no uso do corpo; o enfrentamento da violência. Conclusão: evidenciaram-se percepções contraditórias em relação ao fenômeno, que reforçaram estereótipos de gênero e geração. Ao mesmo tempo, os participantes revelaram atitudes e percepções favoráveis à superação e o direito à autonomia dos adolescentes.

Palavras-chave: Gênero, Violência, Adolescente.

The intimate partner violence among adolescents: perceptions from an online game

Abstract: Given the worldwide prevalence of intimate partner violence, it is necessary to know and intervene in the phenomenon. Therefore, the use of games stands out like power strategy. Objective: To understand the perception of high school students on violence in intimate relationships in adolescence, in the light of the categories Gender and Generation. Methodology: Qualitative, descriptive and exploratory study, developed from comments of 27 teenagers registered in the game *Papo Reto*. The reports were submitted to thematic content analysis. Results: Five empirical categories emerged: the male sexual organ as an instrument of violence; the naturalization of violence; the culpability of women by violence; empower women in the body use; combating violence. Conclusion: Showed up contradictory perceptions in relation to the phenomenon, which reinforced gender and generational stereotypes. At the same time, participants revealed attitudes and perceptions conducive to overcoming and the right to autonomy of adolescents.

Keywords: Gender, Violence, Adolescent.

1 Introdução

O uso de jogos computacionais encontra-se amplamente difundido em toda a sociedade, em especial, entre jovens. Além de sua primeira finalidade, a lúdica, há um forte reconhecimento do seu potencial para o desenvolvimento de habilidades e competências nas mais diversas áreas. Os jogos têm apresentado possibilidades de promoção da crítica e motivação para mudanças de comportamentos e atitudes em relação aos mais diferentes temas, como preservação do meio ambiente e mudanças sociais. Assim, cada vez mais se fala no potencial dos jogos vislumbrando o aprendizado ao simular e controlar situações do mundo real (Peng, Lee, & Heerter, 2010).

O jogo *Papo Reto* é um dispositivo pedagógico desenvolvido para abordagem do tema sexualidade, entre adolescentes. Ancora-se na problematização da realidade, no protagonismo dos sujeitos sociais, na livre expressão e na interação entre jogadores, com vistas a motivar a criatividade e a

construção do conhecimento no campo da sexualidade, sob a perspectiva de gênero (Oliveira, Gessner, Fonseca, & Souza, 2015).

Trata-se de um jogo no formato online, tendo como público alvo os adolescentes. Apresenta como cenário o mapa de uma cidade, na qual os espaços Casa, Escola, Internet, Balada e Rua são acessados progressivamente, na medida em que o jogador responde a situações-problema e interage com seus pares. As situações simulam realidades vivenciadas pelos adolescentes, apresentando níveis crescentes de complexidade e de profundidade.

O jogo propõe a superação dos modelos tradicionais de orientação sexual, pois vislumbra abordar a temática da sexualidade por meio de um ambiente lúdico e livre de respostas pré-concebidas. A interação se torna o elemento chave para a construção do conhecimento e para um posicionamento crítico-reflexivo e emancipatório diante da realidade apresentada e compartilhada entre os pares (Oliveira et al., 2015).

O jogo foi formulado com a finalidade de proporcionar aos adolescentes conhecimento crítico e reflexivo acerca da sexualidade, na perspectiva de gênero. Esse enfoque permite a abordagem da construção social de gênero e sua relação com as iniquidades, incluindo a violência, e com as vulnerabilidades no campo das relações de intimidade. Considera-se que padrões de relacionamento próprios desse grupo social são determinados pela construção social da masculinidade e da feminilidade que, por sua vez, permeiam a construção da sexualidade.

A despeito de o jogo ter como temática principal a sexualidade, sua elaboração buscou possibilitar a abordagem da problemática das iniquidades de gênero na vivência entre os pares. Esta perspectiva introduziu, no dispositivo, a abordagem da violência nas relações de intimidade. Em uma análise preliminar dos relatórios gerados pela interação entre os adolescentes no jogo, chamou atenção o volume de comentários discursivos que diziam respeito à vivência, à perpetração e à percepção dos adolescentes sobre a violência nas relações de intimidade.

A violência por parceiro íntimo (VPI) atinge proporção significativa da população mundial (OMS, 2012). No nível global, 30% das meninas entre 15 e 19 anos experienciam VPI em seus relacionamentos (OMS, 2014). Estudo realizado em nove países com 24.000 mulheres sugere que a VPI acomete em maior número adolescentes e mulheres jovens quando comparadas às de idade adulta (Stöckl, March, Pallitto, & Garcia-Moreno, 2014). No Brasil, um estudo realizado em 10 centros urbanos distribuídos pelas cinco regiões geopolíticas, com jovens de escolas públicas e privadas, destacou que 86,9% dos adolescentes sofreram e 86,8% cometeram algum tipo de violência durante um relacionamento afetivo (Minayo, Assis, & Njaine, 2011).

A adolescência é o período da vida em que são vividas as primeiras experiências afetivo-sexuais e isto possibilita maior vulnerabilidade para desenvolvimento de relações violentas (Minayo et al., 2011). O fenômeno está associado às experiências vivenciadas no processo de construção da masculinidade e da feminilidade, articuladas às normas e papéis de gênero socialmente construídos.

Nesse cenário, torna-se necessária a expansão de estratégias que potencializem a promoção da saúde no campo afetivo e sexual desse grupo social.

O reconhecimento do fenômeno da violência nas relações entre os adolescentes é substantivamente sensível à análise dessa realidade a luz das categorias sociais gênero e geração. A categoria Gênero está baseada na diferença entre os sexos. É componente das relações sociais, representando um elemento primordial para a elaboração de significados sobre as relações de poder. Enquanto componente básico das relações sociais, gênero está associada a quatro elementos presentes na sociedade em tela: aos símbolos culturalmente disponíveis, aos conceitos normativos, às instituições e organizações sociais e à construção de identidades subjetivas, que compreendem as relações complexas construídas no processo de interação humana (Scott, 1995).

A categoria Geração estabelece o espaço ocupado pelas diferentes categorias geracionais, a exemplo da infância, adolescência, vida adulta e idosa, as quais, por sua vez, sofrem o impacto de todos os

eventos da sociedade que as cercam e as determinam. Mais que a idade, a geração define os estatutos sociais de um determinado grupo social pelas similaridades políticas e ideológicas que as diferenciam de outras, no tempo e no espaço. Assim, ao tomar geração como uma categoria social ancorada no paradigma marxista histórico e dialético é possível percebê-la como um terreno fértil para a identificação de contradições na análise dos fenômenos sociais, entre eles a violência entre adolescentes (Egry, Fonseca, & Oliveira, 2013).

Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo compreender a percepção de estudantes de ensino médio sobre a violência nas relações de intimidade no âmbito da adolescência à luz das categorias Gênero e Geração.

2 Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, desenvolvido a partir de comentários discursivos de jogadores adolescentes registrados na plataforma *online* Jogo Papo Reto. A dinâmica do referido jogo se desenrola num espaço simulado composto pelos territórios nos quais os jovens habitualmente vivenciam as principais experiências no que tange à sexualidade. O avanço entre esses territórios se dá na medida em que o jogador completa as missões definidas para cada um deles gradativamente, acumulando pontos e, assim, ganhando posições no ranking de todos os jogadores.

Nos territórios do jogo, os adolescentes se deparam com diferentes situações-problema estruturadas para fomentar a problematização de temas que dizem respeito à sexualidade, como por exemplo, discussões sobre o corpo, diálogo com os pares e com os pais, iniciação e orientação sexual. Nesse ponto, na medida em que respondem as situações-problema, na forma de perguntas fechadas ou comentários discursivos, se posicionam. Outra ação possibilitada pelo jogo é a interação entre os jogadores, pois é permitido que o jogador avalie e teça comentários sobre as respostas dos outros competidores (Oliveira et al., 2015).

O cenário de estudo foi uma escola municipal de ensino médio do município de São Paulo, Brasil. Foram convidados a participar do estudo os 308 alunos matriculados na escola. O convite foi feito formalmente pelas pesquisadoras nas próprias salas de aula. Não foram convidados os alunos que não puderam ser localizados nas datas em que o projeto foi apresentado.

Entre os adolescentes convidados, 62 demonstraram interesse em participar do jogo e da pesquisa e receberam autorização do pai, mãe ou responsável legal. A participação de adolescentes com idade superior a 18 anos dispensou qualquer autorização. No mês de agosto de 2014, foi realizado o processo de cadastramento dos participantes na plataforma *online*, via e-mail e por meio da criação de *login* e senhas individuais. O jogo foi disponibilizado aos adolescentes nos meses de setembro e outubro. Ao final desse período, 27 adolescentes acessaram e jogaram regularmente, constituindo os participantes desta pesquisa.

Os dados foram coletados em julho de 2015. Compuseram o banco de dados que constituiu o material empírico do presente estudo, as respostas às situações-problema em formato de questão discursiva, assim como os comentários que foram escritos por adolescentes frente às respostas de outros participantes. Os discursos foram exportados do sistema do jogo para uma base de dados *Excel* a fim de facilitar seu manuseio e, a partir disso, submetidos à análise de conteúdo temática (Bardin, 2011). As categorias analíticas definidas para o estudo foram Gênero e Geração.

A fim de preservar o anonimato dos adolescentes, os comentários foram identificados por meio do sexo dos participantes, com a letra "M" representando o sexo masculino e "F" o sexo feminino, seguidos de algarismo arábico. O estudo seguiu as exigências da Resolução 466/12, do Ministério da Saúde (Brasil, 2012) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Escola

de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CAAE 01850612.0.0000.5149). Todos os adolescentes participantes assinaram o Termo de Assentimento e os pais, mães e responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo as informações cabíveis.

3 Resultados

A análise dos comentários possibilitou a emergência de cinco categorias empíricas: O órgão sexual masculino como instrumento de violência; A naturalização da violência; A culpabilização da mulher pela violência; A autonomia da mulher no uso do corpo; O enfrentamento da violência. Essas categorias permitiram conhecer as percepções dos participantes do jogo sobre a violência nas relações de intimidade.

Na primeira categoria empírica, os discursos revelaram que as relações de intimidade entre adolescentes podem ser marcadas por disputas de poder que apresentam a violência como uma consequência provável. Nesse sentido, observa-se que o próprio ato sexual pode representar um instrumento de dominação, inclusive física. Os comentários sugerem que a capacidade de ferir do órgão sexual masculino e a relação sexual como forma de agredir são características valorizadas.

“É bom pra você ter o pênis torto [por]que é melhor pra machucar as mulheres!” (M1)

A diferença intra-geracional mostrou-se presente nos discursos. Apesar de pertencerem à mesma geração, o fato da menina ser mais nova do que o parceiro foi vista como elemento de subalternização do sexo feminino no relacionamento, como demonstrado na fala a seguir:

“Tacava o piru nas novinhas.” (M2)

A segunda categoria empírica mostrou a naturalização da violência, na medida em que situações que remetem a comportamentos violentos não são problematizadas e entendidas como aceitáveis em um relacionamento, sobretudo no discurso das meninas:

“Se eu não tivesse gostado, iria tirar [mão no peito]. Mas acho que não tem por que, afinal, estou namorando com ele.” (F1)

O discurso revela uma relação desigual no que tange aos direitos e preferências de cada um dos pares. Enquanto ao menino é permitido tocar o corpo da parceira sem permissão, o desejo da menina de expressar suas preferências parece não estar sedimentado no relacionamento. Esse livre acesso ao corpo feminino foi identificado na seguinte frase:

“(...) se ele [namorado] gosta de você, não vai querer só uma coisa, vai querer você por completo.” (F3)

Os discursos pertencentes à categoria "a culpabilização da mulher pela violência", terceira categoria, remeteram à crença de que o comportamento feminino favorece a ocorrência de situações de violência. As adolescentes identificadas como sedutoras ou provocativas são culpabilizadas pelas violência nos relacionamentos afetivo-sexuais. Esse aspecto pode ser evidenciado no seguinte trecho:

“Ela é safada por estar brincando disso [amasso] com o namorado, e ela devia ter a consciência que o namorado dela iria fazer isso (MENINA BURRA).” (F2)

Além de culpabilizar o sexo feminino pela violência sofrida, destaca-se a responsabilização das adolescentes [meninas] pelas ações envolvidas no relacionamento de intimidade, muitas vezes desqualificando o comportamento da vítima e valorizando o do agressor. Outro aspecto em que o sexo feminino também é culpabilizado foi identificado nos depoimentos que dizem respeito à violência que se passa no contexto da *Web*, como por exemplo, a divulgação de fotos íntimas sem a autorização de um dos parceiros. Na situação a seguir o menino divulgou na web fotos de relacionamento íntimo entre ele e a namorada, fotos estas que ela havia mandado apenas para ele.

O comentário de um jogador a respeito disto parece indiretamente culpabilizar ou responsabilizar a menina pelo fato:

“Para começar, [a namorada] nem deveria ter mandado fotos do tipo [íntimas] para quem não tem 100% de confiança.” (M3)

Na quarta categoria, “a autonomia da mulher no uso do corpo”, identificou-se a valorização do sexo feminino para expressar suas vontades em relação à vivência da sexualidade. A autonomia da mulher de decidir quando e como iniciar a vida sexual mostrou-se importante para os participantes de ambos os sexos. No entanto, esses discursos também remeteram ao que pode ser considerada uma visão idealizada dos relacionamentos de intimidade:

“Se você não se sente pronta para fazer isso [ter relação sexual pela primeira vez] agora, adie até quando se sentir confortável e não pressionada com a ideia” (M4)

“Se você acha que ainda não é a hora certa [de ter a primeira relação sexual] não faça absolutamente nada! (...) Analise todas as condições e não deixe que o menino te force a nada, vá pelas suas próprias vontades.” (F3).

Na quinta categoria – o enfrentamento da violência – os adolescentes revelaram diferentes maneiras de solucionar o problema da violência entre parceiros íntimos. Destacam-se o diálogo, a reação à violência por meio de outra violência, medidas paliativas e a busca de ajuda junto à família, profissionais e serviços de apoio. Esta categoria foi especialmente importante porque indicou pistas para o enfrentamento da violência que poderiam ser discutidas em programas voltados para este fim. Em uma situação-problema comentada pelos participantes, que abordava o desconforto de um dos parceiros diante de uma carícia sexual não desejada, foram elencadas duas formas de responder a questão. Enquanto alguns adolescentes afirmaram que conversariam com o parceiro para lidar com a situação de abuso, outros revelaram que reagiriam com violência, como agressões físicas e verbais, conforme falas abaixo:

“Falaria pra apertar [os seios] mais devagar.” (M5)

“Eu ia bater nele, porque ia mostrar a ele que senti dor.” (F4)

Os comentários também expressam a perpetração da violência psicológica, por meio de ameaças feitas principalmente no ambiente virtual. Nesses casos os adolescentes indicaram que a melhor forma de enfrentamento é buscar o apoio da polícia.

“Acionar a polícia, pois essa ameaça é um tipo de crime virtual.” (F6)

Entretanto, quando há o acesso às mensagens sem autorização, e ao perfil nas redes sociais *online* do parceiro(a), os adolescentes indicam a mudança de senhas como resposta para a invasão da privacidade, optando por uma medida paliativa, muitas vezes pouco efetiva para solucionar o problema, dado que lida apenas com sua aparência e não com a essência.

Os adolescentes indicaram ainda a busca de ajuda de pais, amigos e profissionais como formas de enfrentar situações de violência. Ademais, os participantes identificaram a necessidade de intervenções direcionadas não só para as vítimas, mas também para os perpetradores, conforme ilustrado abaixo:

“Para que ele [perpetrador] procure um profissional para aprender a se controlar e a agir como uma pessoa normal. Nem tudo se resolve na porrada.” (F7).

4 Discussão

Os resultados apresentados revelam uma profunda interface entre as problemáticas da violência nas relações de intimidade e da sexualidade e a construção de Gênero. Assim, pode-se dizer que abordagem da sexualidade na adolescência é permeada por questões de gênero. A violência de gênero aparece nos discursos dos adolescentes, publicados no jogo, tanto como parte da realidade

dos sujeitos, quanto como problemática que influencia a construção da sexualidade e a vivência das relações no campo sexual e reprodutivo.

Foi evidenciado que a compreensão de muitos fenômenos que aparecem no jogo, precisa ser discutida e problematizada, uma vez que é permeada, muitas vezes, por construtos sociais que reproduzem uma ideologia de naturalização da violência e de classificação das normas sociais por sexo.

A vivência das primeiras relações afetivas e sexuais são determinadas pelas normas sociais vigentes em cada contexto e pela construção da identidade de gênero de meninos e meninas. Determinam diferentes vulnerabilidades, com repercussões a curto e a longo prazo (Martsolf, Draucker, & Brandau, 2013, Foshee et al., 2011). A violência na adolescência parece apresentar importante relação com a vitimização na infância, com a violência conjugal na fase adulta, assim como com a violência presenciada no contexto familiar e comunitário (OMS, 2012). A subalternidade de geração determina importante vulnerabilidade à violência por parceiro íntimo, uma vez que interdita o diálogo entre adolescentes e adultos, o qual tem se mostrado essencial para a sua prevenção e para auxiliar os adolescentes no momento do rompimento dos relacionamentos violentos (Gessner, Fonseca, & Oliveira, 2014).

Nos discursos dos adolescentes, o órgão sexual masculino e o ato sexual aparecem como símbolos de dominação nas relações de intimidade. As relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres também permeiam os relacionamentos afetivos e sexuais na adolescência. Dessa forma, a desigualdade de gênero, quando transformada em uma forma de conflito, revela a violência como uma das suas expressões (Fornari, 2014). As relações estabelecidas entre os sexos são historicamente construídas e naturalizam a característica social atribuída a cada sexo, estabelecendo categorizações hierárquicas. Esse aspecto é capaz de explicar a submissão do sexo feminino, historicamente qualificado como inferior por ser biologicamente distinto do sexo masculino (Fonseca & Guedes, 2011).

A expectativa de que as mulheres ocupem lugar de sujeição social está presente na sua culpabilização pela violência sofrida. De uma maneira hegemônica, o feminino é estigmatizado e essa compreensão determina o controle e a condenação da sexualidade, cuja vivência plena ainda constitui privilégio masculino (Peculero, 2014). A culpabilização das mulheres que apresentam comportamento entendido socialmente como inadequado é prática frequente (Araújo & Simonetti, 2013).

A análise dos resultados permitiu evidenciar a construção da masculinidade e da feminilidade na realidade, a despeito desta aparecer maquiada no contexto do jogo. Na experiência do namoro, os jovens vivenciam parte do processo de formação cultural, convivendo com as transformações da contemporaneidade e a permanência de valores construídos ao longo da história que, juntos, compõe a realidade dialética (Minayo, 2011). A variação nas identidades de gênero revelada pelos participantes desta pesquisa pode ser resultado desse processo de formação cultural que envolve a dinamicidade dessas transformações.

Um dos comentários de um adolescente chamou atenção para a existência da violência intrageracional que toma espaço nos relacionamentos de intimidade, concomitante à violência de gênero. A despeito de pertencerem ao mesmo grupo etário, as adolescentes com idade inferior a do parceiro parecem ocupar posição ainda mais subalternizada, implicando maior susceptibilidade para vitimização. Estudo realizado com 1377 adolescentes, em oito escolas públicas do Reino Unido, identificou que três quartos dos casos de violência sexual nos relacionamentos de intimidade sofridos por meninas foi perpetrado por um parceiro mais velho (Barter & McCarry, 2013).

É preciso destacar que a violência no namoro apresenta particularidades, como o fato de ser uma relação mais fluida, com menor grau de compromisso e cobrança social. Na maioria das vezes não existe dependência econômica, filhos ou compartilhamento de bens, que seriam responsáveis por

justificar a manutenção da relação, mesmo que diante de uma situação de violência (Nascimento & Cordeiro, 2011).

Além disso, nas relações de intimidade, a violência pode ser compreendida de forma naturalizada e romantizada, na medida em que pode ser compreendida como um *tempero* para o relacionamento (Assis, 2013). Essa situação limita a auto percepção como vítima e o reconhecimento das relações violentas nas quais o adolescente está inserido. A naturalização da violência representa *uma ordem social injusta*, que provoca a aceitação da violência a partir do seu entendimento como um recurso comum de negociação e solução de conflitos (Carinhanha & Penna, 2012).

Dentre os motivos para a invisibilidade da violência nas relações de intimidade, destacam-se a compreensão do amor romântico, considerado como sinônimo de sacrifício e com a capacidade para superar qualquer obstáculo e alcançar a plenitude. Assim, insultos, tapas, empurrões e desrespeitos no relacionamento devem ser suportados a fim de encontrar a felicidade. Diante disso, os mecanismos de controle, as desconfianças e o ciúme são decodificados como modos de cuidado e amor (Nascimento & Cordeiro, 2011).

A despeito dos comentários de parte significativa dos participantes reiterarem questões de gênero que naturalizam as relações violentas e subalternizam a condição das adolescentes, parte dos comentários indicam posição contrária no que tange à autonomia feminina em relação ao corpo. Assim, a própria valorização de direitos sexuais das mulheres entre os adolescentes é de certa forma contraditória. Por um lado, a autonomia da mulher em decidir o início da vida sexual mostrou-se importante para os participantes de ambos os sexos. Por outro, os discursos que promovem o direito da mulher no uso do corpo remetem a uma visão idealizada dos relacionamentos de intimidade, revelando falta de problematização dessa realidade pelos adolescentes.

Os achados do presente estudo e as evidências sobre a temática justificam a importância de novas e aprimoradas estratégias de prevenção, sobretudo no ambiente escolar. Ainda há lacunas em relação à avaliação dos resultados, dada a dificuldade de analisar transformações que são complexas, associadas a atitudes e comportamentos em um período de tempo limitado.

O presente estudo evidenciou que as potencialidades dos adolescentes para o enfrentamento da violência nas relações de intimidade e atitudes de permissividade parecem coexistir entre as percepções dos participantes. A variedade de formas de enfrentamento da violência apresentadas nos resultados é um exemplo. Enquanto alguns buscam o diálogo como apoio para o manejo da violência, outros sugeriram que responderiam à violência por meio de outra violência.

Estudo brasileiro realizado na cidade de Brasília, com uma amostra de 60 adolescentes do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública, apresenta como formas de enfrentamento das relações afetivos-sexuais as categorias: término, caracterizada pela interrupção do namoro; negociação, marcada pelo uso da comunicação como solução para o conflito; violência, manifestada por ações que apontam retribuição da agressão; e, a resignação, que demonstra aceitação, concordância ou submissão à relação abusiva (Murta et al., 2013).

Estudos avaliativos de programas de prevenção da violência no namoro entre adolescentes, em sua maioria, são baseados em intervenções no currículo escolar. De um modo geral, os autores recomendam que intervenções devam ser implementadas o mais precocemente possível, uma vez que as atitudes e comportamentos relacionados à vivência da sexualidade e dos papéis de gênero são moldados antes mesmo da primeira experiência de relacionamentos afetivos e sexuais (Oliveira, Gessner, Brancaglioni, Fonseca, & Egry, 2016).

Os adolescentes também destacaram o papel de amigos como um dos principais suportes para o enfrentamento de situações de relacionamentos violentos. Essa informação é corroborada por um estudo de revisão sistemática da literatura desenvolvido nos Estados Unidos da América e que apontou que a principal fonte de apoio encontrada por adolescentes que estão em situação de

violência em seus relacionamentos de intimidade são os amigos, destacando-se nesse contexto as amizades escolares (Moore, Sargenton, Ferranti, & Gonzalez-Guarda, 2015).

Estudo brasileiro realizado com 283 adolescentes de 15 a 19 anos de idade, na cidade de Porto Alegre, revela que os participantes afirmam que diante de situação de violência em uma relação afetivo-sexual buscaram o apoio dos amigos (51,5%), familiares (36,7%) e profissionais de saúde (12,1%) (Soares, Lopes, & Njaine, 2013).

Nessa perspectiva, ações de enfrentamento propostas pelos adolescentes revelaram empoderamento no manejo da violência, sugerindo que uma parte deles percebam e problematizam certas situações de violência. Em relação a isso, pesquisa (Guedes, Gessner, Fonseca, & Souza, 2015) evidenciou que parte dos adolescentes que interagiram com o Jogo Papo Reto identificou que normas de gênero permeiam a vivência das relações de intimidade. É possível supor que perceber a relação entre papéis de gênero e as normas impostas aos relacionamentos afetivos-sexuais potencializa a capacidade dos adolescentes de problematizar a sua realidade.

Em relação às possibilidades do jogo Papo Reto, os resultados sugerem a capacidade da ferramenta de contribuir para o reconhecimento das necessidades de saúde dos adolescentes no tocante à violência nas relações de intimidade. A potencialidade do jogo para a identificação das questões de gênero na vida dos adolescentes, demonstrada em outro estudo (Oliveira et al., 2015) e confirmada na presente pesquisa contribui para a ampliação e o enriquecimento da compreensão da realidade sobre o tema.

5 Conclusões

A análise da interação de adolescentes durante a experiência com o jogo Papo Reto revelou diversos posicionamentos sobre violência nas relações de intimidade. As entrelinhas dos comentários discursivos evidenciaram percepções contraditórias em relação ao fenômeno, pois tanto reforçaram estereótipos de gênero e geração, como revelaram atitudes e comportamentos favoráveis à superação do problema e o direito à autonomia dos sujeitos envolvidos. Para a enfermagem, conhecer estas percepções pode ajudar a vislumbrar estratégias de educação voltadas para adolescentes visando à vivência da sexualidade de forma não violenta e com equidade de gênero entre os pares. O respeito aos direitos sexuais inclui a cultura da paz para que os adolescentes não se tornem reprodutores de violência nos relacionamentos de intimidade, também quando adultos.

Contudo, embora a interface de interação dos adolescentes no jogo tenha revelado discursos de superação e também de reiteração da violência, os resultados evidenciam a necessidade de problematização da temática a partir da perspectiva de gênero, no sentido de fomentar a reflexão acerca da determinação histórica e social dos fenômenos que determinam a violência nas relações de intimidade. Embora a interação entre os pares, no jogo, por si só, represente uma potência para a construção do conhecimento e transformação de atitudes, a diversidade de percepções sobre o assunto e a perpetuação da naturalização da violência nas relações de intimidade mostra que intervenções que promovam a vivência da sexualidade de forma não violenta e com equidade entre os pares concomitante à experiência do jogo, podem ser promissoras.

Os resultados apontam que a compreensão da violência nas relações de intimidade dos adolescentes poderá exigir a articulação entre múltiplas categorias interrelacionadas. Assim, para a abordagem dessa problemática, a ênfase deve ser dada aos aspectos que se relacionam à inserção social desse grupo e às relações de poder estabelecidas pelas desigualdades de gênero veiculadas, vivenciadas e naturalizadas por essa geração específica e que determinam potencialidades e vulnerabilidades para o processo saúde-doença dos adolescentes e que repercutem na vivência de relacionamentos saudáveis e livres de violência.

Destaca-se que as limitações referentes ao presente estudo referem-se, principalmente ao fato de que os resultados permitiram uma análise de um curto período de tempo, em apenas uma escola, em que os adolescentes acessaram o jogo e em uma fase na qual havia poucos sujeitos cadastrados utilizando o dispositivo. Essa limitação comprometeu a interação entre os jogadores, assim como a sua evolução no jogo. Sugere-se a realização de novos estudos a partir da experiência de interação entre grupos heterogêneos, provenientes de diferentes cenários e contextos e em um maior período de tempo.

Referências

- Araújo, M. J. O., & Simonetti, M. C. M. (2013). *Questões de Gênero: Desafios para a efetivação dos direitos das Mulheres (Série Debates em Direitos Humanos, Vol. 1)*. Curitiba, PR: Plataforma de Direitos Humanos (Dhesca Brasil).
- Assis, C. L. (2013). "Entre tapas e beijos": representações sociais sobre a violência de gênero para adolescentes. *Psicologia e Saber Social*, 2(2), 229-42.
- Bardin L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barter, C., & McCarry, M. (2013). Love, power and control: girl's experiences of relationship exploitation and violence. In N. Lombard & L. McMillan (Eds.), *Violence against women: current theory and practice in domestic abuse, sexual violence and exploitation* (pp. 103-124). London, England: Jessica Kingsley.
- Brasil (2012). *Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasília: Conselho Nacional de Saúde.
- Carinhanha, J. I., & Penna, L. H. G. (2012). Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituições de abrigo. *Texto Contexto Enferm.*, 21(1), 68-76.
- Egry, E.Y., Fonseca, R. M., & Oliveira, M.A. (2013). Ciência, Saúde Coletiva e Enfermagem: destacando as categorias gênero e geração na episteme da práxis. *Rev. Bras. Enferm.*, 66(n.esp), 119-33.
- Fonseca, R. M. G. S., Amaral M. A. (2012) Reinterpretação da potencialidade das Oficinas de Trabalho Crítico-emancipatórias. *Rev. bras. Enfer.*, 65(5), 30-68.
- Fornari, L. F. (2014). *O percurso de resiliência da mulher vítima de violência sexual*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Foshee, V.A., Reyes, H.L., Ennett, S.T., Suchindran, C., Mathias, J.P., Karriker-Jaffe, K.J., ... Benefield, T. S. (2011). Risk and protective factors distinguishing profiles of adolescent peer and dating violence perpetration. *Adolesc Health*, 48(4), 344-50.
- Foshee, V. A., Reyes, H. L. M., Ennett, S. T., Cance, J. D., Bauman, K. E., & Bowling, J. M. (2012) Assessing the effects of Families for Safe Dates, a family-based teen dating abuse prevention program. *J Adolesc Health*, 51(4), 349-56.
- Gessner, R., Fonseca, R. M. G. S., & Oliveira, R. N. G. (2014). Violência contra adolescentes: uma análise à luz das categorias gênero e geração. *Rev. esc. enferm. USP*, 48(spe), 102-108.
- Guedes, R. N., & Fonseca, R. M. G. (2011). Autonomy as a structural need to face gender violence.

- Rev. Esc. Enferm USP.*, 45(esp.), 1730-4.
- Martsof, D.S, Draucker, C.B, & Brandau, M. (2013) Breaking up is hard to do: how teens end violent dating relationships. *J AM Psychiatr Nurses Assoc*, 19(2), 71.
- Minayo, M. C. S., Assis, S. G., & Njaine. K. (org). (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Moore, A., Sargenton, K. M., Ferranti, D., Gonzalez-Guarda, R. M. Adolescent dating violence: supports and Barriers in accessing services. *Journal of Community Health Nursing*, 31(1), 39-52.
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Nobre, L. A., Araújo, I. F., Miranda, A. A. V., Rodrigues, I.O., & Franco, C.T.P. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, 24(2), 263-88.
- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525.
- Oliveira, R. N. G., Gessner, R., Fonseca, R. M. G. S., & Souza, V. (2015). Avaliação da construção do conhecimento no campo sexual e reprodutivo de adolescentes por meio do jogo online. *Atas do Congresso Ibero Americano em Investigação Qualitativa*, 403-408.
- Oliveira, R. N. G., Gessner, R., Brancaglioni, B. C., Fonseca, R. M. G. S, & Egry, E. (2016). The prevention of intimate partner violence in adolescence: an integrative literature review. *Rev. Esc. Enferm USP*, 50(1), 137-147.
- Organização Mundial da Saúde. (2012). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. Genebra: World Health Organization. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf
- Peculero, M. A. (2014). “Prostitutas, infieles y drogadictas”. Juicios y prejuicios de género en la prensa sobre las víctimas de feminicidio: el caso de Guerrero, México. *Antípoda Revista de Antropología e Arqueología*, 20, 97-118. doi: <http://dx.doi.org/10.7440/antipoda20.2014.0>
- Peng, W., Lee, M., & Heerter C. (2010). The Effects of a Serious Game on Role-Taking and Willingness to Help. *Journal of Communication*, 60(4), 723–742.
- Scott, J.W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Soares, J. S. F., Lopes, M. J. M., & Njaine, K. (2013). Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. *Cad. Saúde Pública*, 29(6), 1121-30.
- Stöckl, H., March, L., Pallitto, C., & Garcia-Moreno, C. (2014). Intimate partner violence among adolescents and young women: prevalence and associated factors in nine countries: a cross-sectional study. *BMC Public Health*, 14(751).
- World Health Organisation. (2014). Adolescents: health risks and solutions. Recuperado de: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs345/en/>